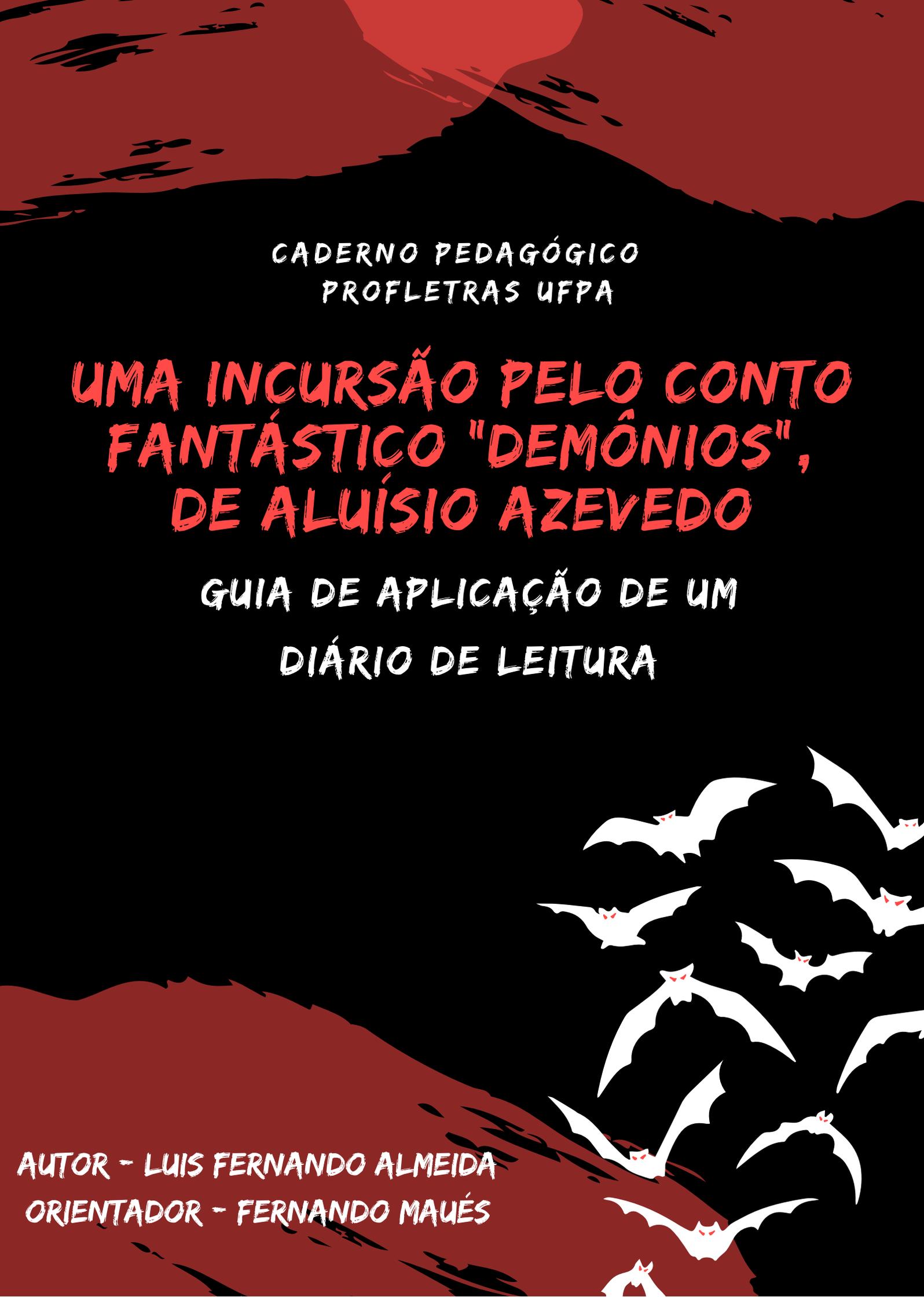


CADERNO PEDAGÓGICO
PROFLETRAS UFPA

UMA INCURSÃO PELO CONTO
FANTÁSTICO "DEMÔNIOS",
DE ALUÍSIO AZEVEDO

GUIA DE APLICAÇÃO DE UM
DIÁRIO DE LEITURA

AUTOR - LUIS FERNANDO ALMEIDA
ORIENTADOR - FERNANDO MAUÉS



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca do Instituto de Letras e Comunicação/UFPA- Belém-PA**

A447d Almeida, Luis Fernando Ribeiro

O diário de leitura como instrumento para a experiência com o texto literário : uma incursão pelo conto fantástico demônios, de Aluisio Azevedo / Luis Fernando Ribeiro Almeida ; orientador, Fernando Maués de Faria Júnior . — 2022.

103 f. + 1 Caderno pedagógico PROFLETRAS/UFPA (48 f. : il.; color.)

Orientador(a): Fernando Maués de Faria Júnior

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, Belém, 2022.

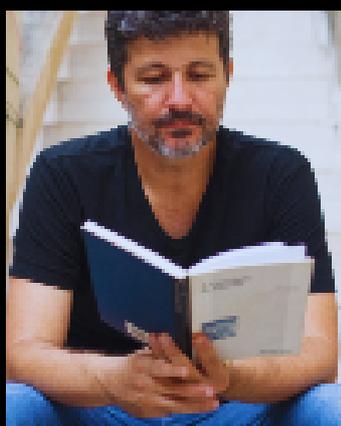
Acompanhado do Caderno pedagógico: "Uma incursão pelo conto fantástico "Demônios", de Aluisio Azevedo: guia de aplicação de um diário de leitura.

1. Leitura (Elementar). 2. Estudantes do ensino fundamental – Livros e leitura. 3. Letramento. 4. Contos brasileiros. I. Faria Júnior, Fernando Maués de. II. Título: Uma incursão pelo conto fantástico "Demônios", de Aluisio Azevedo. III. Título.

CDD 22. ed. – 418.4

Elaborado por Rejane Pimentel Coelho Santos – CRB-2/1132

Luis Fernando Ribeiro Almeida é licenciado em Letras/Português (2010) e especialista em Língua Portuguesa e Literatura (2011) pela Faculdade Atenas Maranhense (FAMA). Mestre em Letras (2022) pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e em Comunicação, Linguagens e Cultura (2019) pela Universidade da Amazônia (UNAMA). É escritor, pesquisador e professor de Língua Portuguesa da rede pública de ensino nos municípios maranhenses de Guimarães e Mirinzal. Possui artigos publicados em revistas acadêmicas, principalmente no campo dos estudos literários. É autor de "Entre margens: Euclides da Cunha e a Amazônia" (Editora Albatroz, 2017) e "O bem-te-vi curioso e outras definições" (Infantil, 2022).



Fernando Maués de Faria Júnior é graduado em Biologia (UFPA-1991) e Letras (USP-1998) e mestre (2001) e doutor (2009) em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. É professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Pará desde 2002 e, desde 2013, atua no Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS. Atualmente, coordena o projeto LAGeN (Literatura Antiga para Gente Nova), que busca difundir a leitura e pesquisa de obras anteriores ao século XIX entre novos públicos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
1. A LITERATURA NA FORMAÇÃO HUMANA E ESCOLAR.....	7
2. DIÁRIO DE LEITURA E RECEPÇÃO DO LEITOR.....	13
3. REVISITANDO ALUÍSIO AZEVEDO.....	22
4. LENDO ALUÍSIO AZEVEDO: uma proposta de diário de leitura.....	32
4.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	35
1º - Passo 1: Antes da leitura.....	37
2º - Passo 2: Durante a leitura.....	43
3º - Passo 3: Depois da leitura.....	45
REFERÊNCIAS.....	46
APÊNDICE	
Apêndice 1: Modelo de página de diário de leitura.....	47

APRESENTAÇÃO

PROFESSOR E PROFESSORA,

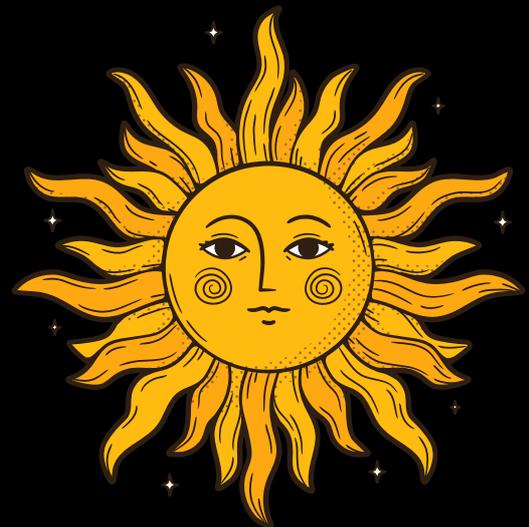
O presente material foi elaborado como requisito obrigatório para a obtenção do título de mestre em Letras e é parte integrante da dissertação do curso de Mestrado Profissional em Letras (Profletras/UFGA). A proposta surgiu após as discussões sobre as contribuições do uso do diário de leitura para a experiência com o texto literário, precisamente em turmas do 9º ano do Ensino Fundamental.

Como aporte teórico para justificar a relevância da experiência do leitor em face da instância literária, adotou-se os pressupostos da Estética da Recepção, a partir dos estudos de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. Para os autores, o texto fornece pistas ao leitor, sugere, dá margens para interpretações diversas, mediante o processo de percepção. Partindo desse pressuposto e buscando responder ao questionamento: **Qual estratégia de ensino facilitaria a leitura literária em contexto escolar?**, optou-se pelo uso do diário de leitura, baseado nos estudos de Machado (1998) e Cosson (2021). Para os autores citados, o diário é uma forma de interação verbal, onde o aluno registra/expõe suas impressões a respeito do texto lido. Como exemplificação do uso do diário de leitura, elaborou-se, como efeito decorrente das proposições levantadas acerca da importância da leitura literária, uma sequência didática tendo como texto motivador o conto fantástico *Demônios*, do maranhense Aluísio Azevedo (1857-1913).



Nesse pormenor, para além de aspectos teóricos, a exemplo da identificação de elementos da narrativa e/ou versificação, espera-se que as atividades de leitura literária proporcionem, do ponto de vista prático, uma imersão nas tênues tessituras da malha do texto, caminhando pelas estradas dos não ditos, das ausências, dos eufemismos, enfim, que o leitor, no caso os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, sejam capazes de ver aquilo que, pela linguagem literária, está para além das ações cotidianas.

Nesse olhar para o texto literário, verificamos que a humanidade, cuja capacidade da linguagem é um marco distintivo perante outros seres, tem a necessidade de estabelecer conexões com o mundo conhecido (ou a conhecer), buscando respostas para questionamentos sobre si, o seu espaço de significação e sobre os outros. Vimos, assim, que os diferentes gêneros literários, ao longo do desenvolvimento das sociedades, cumpriram (e cumprem) um papel de desencadeadores de sensações das mais diversas, a depender das intenções e escolhas do leitor. Ademais, quando levados para o ambiente escolar, os textos de literatura, a exemplo de contos, romances, poemas, devem receber um tratamento didático próprio, que facilite a percepção dos estudantes.



E, no que respeita as diferentes metodologias para o trabalho com a leitura em ambiente escolarizado, de modo especial, tendo como suporte a ficção ou o lirismo poético, observamos que, dentre um universo de possibilidades, a opção pelo uso do diário de leitura como instrumento para a experiência com o texto literário tem sua relevância e funcionalidade.

No primeiro aspecto, qual seja sua relevância, o diário de leitura é uma forma peculiar de registro das impressões do leitor mediante o contato com o texto objeto de sua intervenção leitora, ou seja, pelo registro é possível criar, recriar e intervir no encaminhamento da narrativa ficcional, por exemplo. Já o segundo aspecto, qual seja sua funcionalidade, o diário de leitura é prático para o trabalho em sala de aula, uma vez que flexibiliza o trabalho docente, ao passo que o aluno (leitor) pode organizar sua própria rotina de leitura.

Por fim, cabe ressaltar que todo e qualquer trabalho realizado no ambiente escolar está passível de acertos e contradições, de acolhimento e de afastamento, de elogios e de críticas, contudo, pensar em alternativas para um trabalho produtivo com a leitura do texto literário é sempre uma ação atual e transformadora na vida cotidiana da comunidade escolar.

Entre os autores utilizados para este trabalho, destacamos Pound (2013), Coelho (2000), Compagnon (2010), Todorov (2009), Terra (2014), Cosson (2014), Silva (2013), Colomer (2007), Aguiar (2017), Rezende (2013), Zilberman (1991), Dalvi (2013), Machado (2018), Pimentel (2011), Tinoco (2013), Moisés (2004), Jauss (2002), entre outras fontes, que pensaram as características da linguagem literária e seu caráter dialógico dentro da tríade autor-texto-leitor; bem como reflexões sobre as metodologias para o desenvolvimento da competência leitora entre alunos da Educação Básica.

NO MAIS, ÓTIMA LEITURA E EXCELENTE TRABALHO!

1.A LITERATURA NA FORMAÇÃO HUMANA E ESCOLAR



LITERATURA E SOCIEDADE ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Quando, na Europa dos Impérios, em meados do século XIX, o romance já se estabelecia como um gênero muito próximo da sociedade burguesa, posto que esse tipo de composição funcionou como uma espécie de receptáculo dos novos contornos de uma sociedade em franca transformação — novos modos de vida e de relacionamento com o mundo —, os escritores “transportaram” para a tessitura romanesca os dramas, os conflitos, as reivindicações, os amores, o passado heroico de um povo; enfim, a vida humana em seus mais diversos matizes, uma vez que, como bem destacado por Ezra Pound, em seu ABC da Literatura: “a literatura não existe num vácuo.” (POUND, 2013, p. 39).

Esses caminhos do palco da vida foram passados em revista por ávidos leitores, que se entretinham na leitura de obras de Victor Hugo (1802-1885), Alexandre Dumas, filho (1824-1895), Guy de Maupassant (1850-1893), Júlio Verne (1828-1905), Émile Zola (1840-1902), além de outros autores que ganharam projeção na época de suas produções. Maupassant, por exemplo, um dos maiores contistas de todos os tempos, foi um dos escritores mais lidos nos últimos anos do século XIX. Em seu conhecido conto **Bola de Sebo**, por meio da tessitura narrativa, mostrou a hipocrisia e o preconceito das classes mais abastadas da sociedade francesa, sob o pano de fundo da guerra franco-prussiana (1870-1871). Nesse particular, podemos destacar que a literatura tem como substrato para fertilizar a imaginação dos escritores o próprio mundo, espaço de significações e experiências, o cruzamento entre o singular e o plural. E, entre aproximações e distanciamentos, o sujeito leitor vai formando o seu repertório literário, da poesia à ficção.



Para Nelly Novaes Coelho, em *Literatura Infantil*, ao tratar da natureza da literatura, afirma que: “Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo.” (COELHO, 2000, p. 27). Outra importante consideração sobre a literatura é a apresentada por Compagnon, em *O Demônio da Teoria*. Para ele, “[...] a literatura pode estar de acordo com a sociedade, mas também em desacordo; pode acompanhar o movimento, mas também precedê-lo.” (COMPAGNON, 2010, p. 37). Um terceiro ponto interessante para esta discussão é a afirmação de Tzvetan Todorov. Em *A literatura em perigo*, afirma que “o horizonte no qual se inscreve a obra literária é a verdade comum do desvelamento.” (TODOROV, 2009, p. 83).

Assim, sendo o texto literário, como bem indicou Coelho (2000), resultado de uma experiência, neste caso, o ato de criação/composição do autor, temos, de maneira correlata, outra experiência: a do leitor, no ato da leitura. E, nesse pormenor, a experiência leitor/texto vai mudando em face das perguntas que o homem faz de si, do mundo e do universo.

<https://virusdaarte.net/fragonard-uma-jovem-lendo/>



<https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/download/28987/19099>

CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA NA ESCOLA

A experiência com o texto literário é decorrente do ato da leitura, podendo ser uma ação individual ou compartilhada, e que, para além da identificação de elementos da narrativa ou um trabalho de versificação, a leitura literária é sempre um momento de descoberta: de si e do mundo. Nesse contexto, poderíamos nos interrogar: há espaço para a experiência com o texto literário em sala de aula? Desse primeiro questionamento, emergem os seguintes: A literatura estaria à disposição de um determinado saber, determinada aprendizagem? Qual aprendizagem? Estando presente em sala de aula, qual o tratamento que se deve dar ao texto literário?

Muitos autores, a exemplo de Geraldi (2012), Cosson (2010), Zilberman (1991), Terra (2014), Colomer (2007), entre outros, já se debruçaram sobre esses questionamentos e indicaram alguns caminhos para o uso produtivo da literatura em contexto escolar. A esse respeito, Neide Luzia de Rezende (2013) indica que há duas implicações da leitura literária: uma social e uma escolar. Sobre a primeira, afirma que “como prática social, ou seja, na vida cotidiana de todos nós, quando lemos, a leitura da obra literária sugere, antes de tudo, um movimento de identificação: lemos o que gostamos de ler.” (REZENDE, 2013, p. 107). Já quando volta a atenção para o ambiente escolar, faz a seguinte crítica:

Talvez um dos maiores problemas da leitura literária na escola — que vejo, insisto, como possibilidade — não se encontre na resistência dos alunos à leitura, mas na falta de espaço-tempo na escola para esse conteúdo que insere fruição, reflexão e elaboração, ou seja, uma perspectiva de formação não prevista no currículo, não cabível no ritmo da cultura escola de massa. (REZENDE, 2013, p. 111).

A partir das considerações de Rezende (2013), observamos que o impasse não está, em hipótese, na ausência do texto literário em sala de aula, mas na forma como ele é utilizado. Refletindo sobre a literatura na escola, Silva e Martins (2010, p.27), afirmam que “a leitura exercida na escola costuma ter um ritmo próprio, controlado pelos programas de ensino e pelos desenhos curriculares.” Sobre a leitura literária, Ernani Terra (2014) afirma que essa “[...] deve ser desinteressada, ou seja, deve ser marcada por uma atitude cognitiva não só de compreensão do texto, mas também de busca de prazer estético, que é sentido concomitantemente ao momento da própria leitura.” (TERRA, 2014, p. 26).

Na esteira das considerações de Ernani Terra, é possível indicar que a leitura do texto literário em sala de aula desempenha um papel relevante. Nesse sentido, é importante refletir, doravante, sobre o “espaço” e o tratamento dado ao texto literário no meio escolar. Como bem afirma Rildo Cosson (2010), no texto O espaço da literatura na sala de aula, “o primeiro espaço da literatura na sala de aula é o lugar do texto, da leitura do texto literário. Tudo se inicia com o imprescindível e motivado, contato com a obra. Ler o texto literário [...] permite o primeiro encontro do leitor com o texto.” (COSSON, 2010, p. 58).



Embora muitos autores falem sobre a necessidade da leitura do texto literário em ambiente escolar, sabemos que ele, em muitos casos, aparece em sala de aula de forma difusa. Maria Amélia Dalvi, em artigo *Literatura na escola: propostas didático-metodológicas*, em certo trecho, faz uma crítica à forma como o texto literário é utilizado em sala de aula. A autora enfatiza que “[...] para alunos economicamente desfavorecidos, o acesso ao circuito literário é, às vezes, tão impensável quanto um cruzeiro para as ilhas gregas.” (DALVI, 2013, p. 75).

As considerações de Dalvi (2013) encontram eco na realidade educacional de muitas escolas brasileiras. Tomemos como exemplo o caso do PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático). Destinado a avaliar e disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias às escolas da rede pública de ensino de todo o território brasileiro, esse programa, ao longo dos últimos anos, vem ampliando o leque de títulos literários enviados às escolas. Vejamos algumas obras aprovadas no PNLD Literário 2020: *O Mistério do 5 estrelas*, de Marcos Rey; *As palavras voam*, de Cecília Meireles; *Era uma vez Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes; *Berimbau e outros poemas*, de Manuel Bandeira; *Coisas simples do cotidiano*, de Rubem Braga; *Contos tradicionais do Brasil para jovens*, de Luís da Câmara Cascudo etc.

Apesar do envio de obras literárias às escolas públicas, o que, em muitos casos, acaba acontecendo é, por falta de um espaço específico — a exemplo de uma biblioteca —, ou simplesmente a não disponibilização desse material aos professores e alunos, obras que serviriam para o desenvolvimento da competência leitora em crianças e jovens ficarem subutilizadas, “guardadas” em um canto da escola. Essa constatação tem um efeito duplo e desanimador: não há contato efetivo e produtivo com a instância literária (manuseio e escolha de livros, por exemplo); quando a literatura aparece, está diluída em exemplificação para conteúdos gramaticais.



2. DIÁRIO DE LEITURA E RECEPÇÃO DO LEITOR



O DIÁRIO DE LEITURA E O REGISTRO DA EXPERIÊNCIA COM O TEXTO LITERÁRIO

Como vimos, a experiência com o texto literário é resultado do ato de leitura. Refletindo sobre a leitura em contexto escolar, Ernani Terra (2014) destaca que, dentro da variedade de gêneros textuais que a escola deve trabalhar, o texto literário tem um papel relevante. Partindo do que já preconizavam os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), já na década de 1990, quando da centralidade no texto e, entre eles, o literário, nas competências específicas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Língua Portuguesa para o ensino fundamental, vamos encontrar o seguinte destaque:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL, 2017, p. 85).

Como indicado na citada competência, a leitura literária deve ser uma prática interessante/motivadora para os alunos. Nesse sentido, Aguiar (2013, p154), ao discutir sobre a leitura, diz que, para além de um processo de decodificação, ela é uma forma de “[...] confrontar as ideias apreendidas com o assunto, dialogar com o autor, posicionando-se diante dele, e utilizar os conteúdos ideativos adquiridos em novas situações.” Com efeito, quando tal ato está inserido na dinâmica escolar e/ou é decorrente de uma intervenção pedagógica, a exemplo dos projetos de leitura, muitos são os procedimentos/instrumentos dos quais o professor pode utilizar para fomentar a prática da leitura entre seus alunos. Assim, dentre uma série de procedimentos apresentados por diferentes autores que pensam estratégias de leitura, a exemplo de Tereza Colomer (2007), para este estudo, enveredamos pelas proposições relacionadas ao uso do diário de leitura.

Partindo dos estudos de ação comunicativa proposta por Habermas, a partir da década de 1970, Ana Raquel Machado, em sua obra *O diário de leitura: a introdução de um novo instrumento na escola*, destaca que o diário é uma forma de interação verbal. No mesmo trabalho, ao referir-se ao ensino de leitura, a autora destaca que é preciso: “[...] criar condições para que todos os sujeitos leitores envolvidos numa situação de comunicação escolar específica expusessem, confrontassem e justificassem suas diferentes interpretações e suas diferentes práticas e processos de leitura.” (MACHADO, 1998, p. 8).

Com base no exposto, o diário de leitura configura-se como um instrumento produtivo para que o aluno possa registrar/expor suas impressões a respeito do texto lido. Como bem destaca Machado (1998), o diário de leitura é um subtipo do gênero diário. Ampliando a discussão sobre o gênero textual citado, Pimentel traz uma importante definição de diário. Vejamos:

Deve-se considerar o diário como um registro de experiências pessoais e observações passadas, identificando como um documento pessoal, em que o sujeito que escreve inclui interpretações, opiniões, sentimentos e pensamentos, sob uma forma espontânea de escrita, com a intenção de falar para si mesmo. O diário é, portanto, um retrato de quem o escreve, já que o diarista registra, praticamente no momento em que vive, uma experiência, captando as disposições do espírito e os pensamentos mais íntimos.
(PIMENTEL, 2011, p.5).

Assim, enquanto gênero, o diário tem um caráter íntimo, notadamente marcado pelo uso da primeira pessoa do discurso, o registro de fatos do cotidiano e, sobretudo, o diário funciona como registro de uma experiência. Ratificando as definições apresentadas, Rildo Cosson afirma que a escolha pelo gênero diário parte da perspectiva da leitura como diálogo, ou seja, “[...] uma relação que se estabelece entre leitor e autor, texto e contexto, constituindo o que chamamos de circuito de leitura” (COSSON, 2021, p. 51). Continuando em suas reflexões, o mesmo autor caracteriza o diário como um instrumento didático, uma transposição do diário íntimo para o ambiente escolar, além de ser fruto de uma experiência com um texto complexo e multifacetado. De forma pontual, assim Cosson define o diário de leitura:

[...] é um registro das impressões do leitor durante a leitura do livro, podendo versar sobre dificuldades de compreensão de determinadas palavras e trechos, transcrição de trechos favoritos com observações, evocação de alguma vivência, relação com outros textos lidos, apreciação de recursos textuais, avaliação da ação das personagens, identificação de referências históricas e outros tantos recursos que constituem a leitura como diálogo registrado entre leitor e texto. (COSSON, 2021, p. 122).

As considerações de Cosson vêm dar suporte à proposta de diário de leitura aqui discutida, pois, entendemos que todo ato de leitura é uma ação presentificadora. Assim, os alunos, ao terem contato com o texto literário, sendo ele contemporâneo ou não (mas, em muitos casos, atual), atualizam dada obra por meio do seu lugar no tempo e no espaço. Avançando no debate do gênero, enquanto matéria literária, há conhecidos exemplos de livros em forma de diário, a saber: O Diário de Anne Frank, de Anne Frank; Canudos: diário de uma expedição, de Euclides da Cunha; Quarto de despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus; O Diário de Lúcia Helena, de Álvaro Cardoso Gomes; Minha vida de menina, de Helena Morley; O Diário de um mago, de Paulo Coelho; Diário de um Banana, de Jeff Kinney etc.

Nesse sentido, o que se pretende com o diário de leitura pode ser exemplificado com a seguinte consideração de Aguiar (2013, p. 154): “O processo de leitura pressupõe, portanto, a participação ativa do leitor, que não é mero receptor de uma mensagem acabada, mas ao contrário, interfere na construção dos sentidos, preenchendo os vazios textuais [...]”. Portanto, desejamos que os alunos possam registrar suas impressões sobre o texto lido, na perspectiva da leitura como uma forma particular de experiência, qual seja com o universo literário.

A LEITURA LITERÁRIA NA PERSPECTIVA DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Como já foi indicado, a leitura do texto literário tem suas peculiaridades. Segundo Ernani Terra (2014, p. 9), “a linguagem literária tem características próprias que a diferenciam dos outros tipos de texto. O objetivo pelo qual se lê um texto literário pode apresentar variações.” A esse respeito, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apresentam as especificidades do texto literário, que podem ser separados em quatro itens, a saber:

- a) é uma forma específica de conhecimento;
- b) é uma forma de diálogo regido por jogos de aproximações e afastamentos;
- c) faz uso de invenções de linguagem, expressa a subjetividade, os mecanismos ficcionais podem estar misturados a procedimentos racionalizantes (referências indiciais, citações do cotidiano do mundo dos homens);
- d) representa um tipo particular de escrita.

Sobre a leitura literária, Robson Coelho Tinoco, em artigo Percepção do mundo na sala de aula: leitura e literatura, destaca que, para o seu desenvolvimento, “[...] é essencial avaliar a obra escrita como linguagem mostrando o mundo, porque o revela, na medida em que o leitor se percebe refletindo nela.” (TINOCO, 2013, p. 142). Corroborando com o exposto, Ernani Terra, logo na apresentação de Leitura do texto literário, afirma que “a leitura é prática social de construção de sentidos decorrente de um processo interativo entre autor e leitor, mediado pelo texto.” (TERRA, 2014, p. 7).

Trazendo essa questão para os pressupostos da estética da recepção, podemos considerar que o texto literário é atualizado no momento da leitura. Com base nos estudos do escritor e crítico alemão Hans Robert Jauss (1921-1997), na triangulação autor-texto-leitor, o foco, nessa perspectiva, recai no leitor. Segundo Moisés, em seu Dicionário de termos literários, a estética da recepção pode ser compreendida “[...] como uma teoria da leitura [...] o sentido de uma obra muda de acordo com várias leituras levadas a efeito no curso do tempo.” (MOISÉS, 2004, p. 107).

Para Zilberman (1989, p. 17), objetivo da Estética da Recepção é “estudar o público enquanto fator ativo do processo literário, já que as mudanças de gosto e preferências interferem não apenas na circulação, e, portanto na fama, dos textos, mas também em sua produção.” Ainda em seu trabalho, a autora, analisando os textos de Jauss, destaca que, para ele, “o foco deve recair sobre o leitor ou a recepção, e não exclusivamente sobre o autor e a produção” (ZILBERMAN, 1989, p. 49).



Em O texto poético na mudança de horizonte da leitura, Jauss (2002) considera que olhar o texto apenas em suas estruturas é insuficiente, daí a importância dada às relações entre leitor e texto. Nesse mesmo trabalho, o crítico chama a atenção para o processo de experiência com o texto. Para ele, o texto fornece pistas ao leitor, sugere, dá margens para interpretações diversas, a partir do processo de percepção. Em seu estudo, Jauss faz uso do termo “partitura” quando trata dessa “experiência” com o texto. Em termos práticos, assim como o músico acompanha a partitura, também o texto só tem seu efeito prático quando entra em cena aquele que irá interpretá-lo, ou seja, o leitor. Para Ernani Terra (2014, p. 28): “o sentido dos textos não é algo prévio e não está no texto, mas é construído pelo leitor num processo interacional.” Já para Compagnon (2010), partindo das considerações de Wolfgang Iser (1926-2007), outro teórico da estética da recepção, em seus textos O leitor implícito (1972) e O ato de leitura (1976), afirma que “[...] O texto nunca está todo, simultaneamente presente diante de nossa atenção: como um viajante num carro, o leitor, a cada instante, só percebe um de seus aspectos, mas relaciona tudo o que viu, graças à sua memória” (COMPAGNON, 2010, p. 150).

Com base nas discussões apresentadas, podemos considerar que o autor, de forma intencional, sempre deixa espaços no texto, que só poderão ser preenchidos no momento da leitura. Ao escolher determinada construção, figura de linguagem, ou frases ambíguas, o autor abre espaço para o leitor. À guisa de ilustração, tomemos o conto A cobra preta, do escritor e jornalista maranhense Viriato Correa (1884-1967). No início da narrativa, temos:

Aquela noite estava de um luar de linho, uma destas noites amplas e caladas, abertas voltuosamente, para a tranquilidade e para o sossego da terra,— noite fecunda e grande, em que a natureza inteira para sob a branca mansidão dum banho largo de plenilúnio. Somente, a magoar-lhe a serenidade aquele velho cachorro magro, que, de pescoço para o alto, uivava gemedoramente à lua. (CORREA, 1919, p. 199).

No início do parágrafo, aparece o enunciado metafórico: “Aquele noite estava de um luar de linho”. Isto posto, caberia ao leitor interpretar o que seria esse “lunar de linho”. Observemos a presença de uma expressão qualificadora: “de linho”. Assim, a expressão leva o leitor a formular hipóteses. Seria, pois, um luar sem nuvens, tranquilo. Nesse contexto, fazendo uso das considerações de Jauss (2002, p. 878): “A experiência da primeira leitura torna-se horizonte da segunda leitura: aquilo que o leitor assimilou no horizonte progressivo da percepção estética torna-se tematizável no horizonte retrospectivo da interpretação.” Portanto, a experiência com o texto literário sempre está aberta a novas interpretações, sendo, em certa medida, um processo cumulativo, uma vez que, entre aproximações e distanciamentos, o leitor, intencionalmente ou não, acaba encontrando “rastros” de outros textos, no texto lido.



3. REVISITANDO ALUÍSIO AZEVEDO

https://pt.wikipedia.org/wiki/Alu%C3%ADsio_Azevedo



UM CARICATURISTA DAS PALAVRAS A LINGUAGEM DE ALUÍSIO AZEVEDO

Na década em que era promulgada a lei Eusébio de Queirós, em 1850, que estabeleceu a extinção do tráfico de escravos; em que o escritor Gustave Flaubert (1821-1880) publicava *Madame Bovary* (1857); e que o naturalista Charles Darwin (1809-1882) publicava *A origem das espécies* (1859), nascia, em São Luís do Maranhão, no dia 14 de abril de 1857, Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, aquele que, anos mais tarde, ganharia o devido reconhecimento como romancista e autor representativo do Naturalismo na literatura nacional.

Ainda na juventude, Aluísio teve a oportunidade de vivenciar/experimentar o ambiente da Corte, no Rio de Janeiro, então capital imperial. Nesse período, de 1876 a 1878, colaborou em diferentes publicações, exercendo o trabalho de chargista. Suas caricaturas faziam parte do expediente dos periódicos *O Fígaro*, *O Mequetrefe*, *Zig-Zag* e *A Semana Ilustrada*. Sendo a charge uma forma de composição de cunho geralmente crítico, aliado a uma boa dose de humor, os trabalhos de Aluísio Azevedo atacavam diretamente o catolicismo, em um sentimento fortemente anticlerical; a monarquia brasileira, sendo a figura de D. Pedro II a feição de um país marcado pela concessão de favores; bem como a representação do povo brasileiro como explorado, apinhado entre o Estado e a Igreja. Em relação ao anticlericalismo presente em suas charges, podemos destacar que essa vertente tem sua gênese nas duras críticas que desempenhou o clero da cidade de São Luís quando Aluísio publicou o romance *O Mulato*.



A aptidão de Aluísio para o desenho foi, desde muito cedo, reconhecido e incentivado por sua mãe, D. Emília Amália Pinto de Magalhães. Essa característica iria acompanhá-lo na construção dos espaços e das personagens de suas narrativas, como verdadeiros quadros que guardam, em suas molduras, cenas de um instante de contemplação. Em estudo sobre a figura de Aluísio Azevedo na história da literatura brasileira, Massaud Moisés, ao analisar a composição dos romances do autor de Casa de Pensão, destaca:

Como caricaturista que era, desenhava a lápis suas figuras antes de descrevê-las, e o traço indelével, mas sumário, denota que os retratos valem dentro do panorama geral. Ao delinear as personagens, estava menos interessado nelas próprias que no conjunto de que faziam parte, goyescamente visualizado como um agrupamento humano onde mal se distinguem os rostos, imersos no azul-chumbo de um céu de presságios. (MOISÉS, 2016, p. 47)

À guisa de ilustração do estilo de Aluísio Azevedo, como já destacado por Moisés (2016), tomemos um trecho do Capítulo II de O Cortiço. Na passagem escolhida, o narrador descreve a personagem Zulmira:

[...] tinha então doze para treze anos e era o tipo acabado da fluminense; pálida, magrinha, com pequeninas manchas roxas nas mucosas do nariz, das pálpebras e dos lábios, faces levemente pintalgadas de sardas. Respirava o tom úmido das flores noturnas, uma brancura fria de magnólia; cabelos castanho-claros, mãos quase transparentes, unha moles e curtas, como as da mãe, dentes pouco mais claros do que a cútis do rosto, pés pequenos, quadril estreito, mas os olhos grandes e negros, vivos e maliciosos. (AZEVEDO, 2021, p. 23-24).

A agudeza descritiva de Aluísio é de tão modo precisa que, deixando-se o leitor levar pelas vagas da imaginação, em uma pestanejada, forma a imagem pitoresca da filha de Estela e Miranda, futura esposa de João Romão, proprietário de uma venda, do cortiço e da pedreira. Retomando dados da vida do escritor, depois de sua experiência na capital fluminense, com o falecimento do pai, o português David Gonçalves de Azevedo, o jovem retorna à capital maranhense. Nos anos seguintes, colabora em diferentes jornais de São Luís, sendo um dos fundadores do jornal Pacotilha (Jornal da Tarde). Foi nesse período, que publicou, em 1881, o romance O Mulato. A obra, em face do seu enredo crítico à sociedade ludovicense da época, recebeu, como já mencionado, duras críticas da sociedade local, sobretudo por parte do clero, fato que contribuiu para o retorno do escritor ao Rio de Janeiro.

No que respeita a produção literária de Aluísio Azevedo, o escritor publicou um pouco mais de duas dezenas de títulos, dos quais cabe destacar:

- **Uma lágrima de mulher (1879);**
- **O Mulato (1881);**
- **Mistério da Tijuca ou Girândola de Amores (1882);**
- **Memórias de um Condenado ou A Condessa Vésper (1882);**
- **Casa de Pensão (1894);**
- **Filomena Borges (1884);**
- **O Homem (1887);**
- **O Cortiço (1890);**
- **O Coruja (1887).**

Já tendo recebido o reconhecimento da crítica literária da época, Aluísio Azevedo é nomeado Cônsul do Brasil em Buenos Aires. Foi justamente quando se encontrava na capital argentina, cumprindo suas funções consulares, que o escritor maranhense faleceu em 21 de janeiro de 1913, em decorrência das sequelas de um acidente de trânsito em agosto de 1912.

ALUÍSIO AZEVEDO CONTISTA ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Além de romancista, reconhecido pelas obras *O Mulato*, *O Cortiço* e *Casa de Pensão*, para citar os mais representativos, Aluísio Azevedo também escreveu textos para o teatro e produziu alguns contos, publicados nos livros *Demônios* (1893) e *Pegadas* (1898). Segundo Lúcia Sá, no texto *A cidade, a província e o circo: os contos de Demônios*, introdução ao livro homônimo de contos do escritor maranhense:

O Aluísio Azevedo contista tem sido ofuscado pelo romancista, e pela produção assombrosa, na área de contos, de seu contemporâneo mais destacado, Joaquim Maria Machado de Assis. Nesse sentido, as narrativas curtas de Aluísio Azevedo não tiveram sorte muito distinta das produzidas por outros contistas do final do século XIX: dos poucos críticos que se dão ao trabalho de comentá-los, raros são os que não o fazem somente para concluir que elas não se comparam, em qualidade, aos contos de Machado.

Se os contos de Aluísio Azevedo não ganharam a projeção esperada, como destaca Lúcia Sá, em contrapartida, apresentam uma originalidade no que respeita aos temas tratados, qual seja o fantástico, sobretudo no tom sobrenatural que circunda o conto *Demônios*, texto escolhido para a proposta de trabalho com o diário de leitura. No que diz respeito ao universo do conto, gênero que encontrou no Brasil terreno fértil, Moisés (2012, p. 268), em *A criação literária*, destaca que “o conto é, pois, uma narrativa unívoca, univalente: constitui uma unidade dramática, uma célula dramática, visto a gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação”. É interessante destacar que, na época em que Aluísio cultivou esse gênero narrativo, outros autores, pela via ficcional, também estavam escrevendo contos, é o caso do seu próprio irmão, Artur Azevedo (1885-1908); e o paraense Inglês de Sousa (1853-1918), o primeiro, retratando os costumes urbanos da cidade do Rio de Janeiro; e o segundo, configurando o rico manancial do imaginário amazônico.

Quando observamos o enredo dos contos de Aluísio Azevedo reunidos nos livros *Demônios* (1893) e *Pegadas* (1898), a exemplo de *O macaco azul*, *Aos vinte anos*, *Uma lição*, *O madeireiro*, *Os passarinhos*, entre outros, notamos que o escritor cumpre o mesmo expediente utilizado quando da composição dos seus romances, a exemplo de *O Mulato*, *Casa de Pensão*, *O Coruja*, *O Cortiço* e *Uma lágrima de mulher*, para citar alguns: a descrição minuciosa dos caracteres de lugares e personagens, valendo-se abundantemente dos processos de adjetivação. Vejamos essa característica da linguagem aluisiana, a partir da perspectiva do narrador do conto *Polítipo*, quando descreve o personagem Boaventura da Costa:

Imagine-se um homenzinho de cinco pés de altura sobre um de largo, com uma grande cabeça feia, quase sem testa, olhos fundos, pequenos e descabelados; nariz de feitio duvidoso, boca sem expressão, gestos vulgares, nenhum sinal de barba, braços curtos, peito apertado e pernas arqueadas; e ter-se-á uma ideia do tipo do meu malogrado amigo. (AZEVEDO, 2007, p.142).

A descrição engendrada pela linguagem de Aluísio Azevedo, caso fosse migrada para a forma pictural, poderia facilmente estar presente em uma das páginas dos periódicos onde trabalhou na juventude, a exemplo de *A Semana Ilustrada*. Ademais, de modo especial, constatamos, em parcela considerável dos seus contos, a ambientação sendo realizada em espaço urbano. A esse respeito, Bosi destaca que “Aluísio foi expoente de nossa ficção urbana nos moldes do tempo” (2006, p. 188).

DEMÔNIOS UMA INCURSÃO PELO CONTO FANTÁSTICO

A narrativa, como expressão da linguagem humana, faz parte do acervo cultural da sociedade e, entre dados do mundo factual e o vasto horizonte da imaginação, vai construindo identidades, reforçando paradigmas, moldando figuras heroicas; enfim, vai preenchendo os anseios e a curiosidade do homem. Assim, no amplo e fértil campo de possibilidades narrativas, a ficção é aquele caminho por onde passam os mais diversos autores e temas. Nesse particular, como já destacamos na discussão sobre as tênues relações entre a literatura e a sociedade, a matéria literária faz parte da história das civilizações. A esse respeito, bastaríamos mencionar as grandes narrativas épicas, a exemplo da Epopeia de Gilgamesh, na cultura do oriente médio; o Popol Vuh, para a sociedade mesoamericana; o Paraíso perdido, de Jonh Milton (1608-1674); ou Orlando Furioso, de Ludovico Ariosto (1474-1533).

Isto posto, no avanço das formas literárias, o conto, em seu universo reduzido de caracteres, como já explicitado pelo trabalho de Moisés (2012), serviu — e ainda serve — como configuração de certos costumes e ideologias de uma época. A propósito dessa questão, a literatura brasileira dispõe de um número representativo de contistas, a saber: Machado de Assis, Murilo Rubião, Dalton Trevisan, Clarice Lispector, Rubem Fonseca, entre tantos outros. Sobre a instância do conto, Nádia Battella Gotlib (1999), em Teoria do Conto, a firma que, enquanto narrativa, ele é anterior à escrita. Ou seja, antes mesmo da codificação em livro, por exemplo, as pessoas já estavam imersas em narrativas ficcionais, transmitidas de geração em geração, contadas e compartilhadas em família, em círculos, ao redor da fogueira.



E, nesse particular, qual seja o valor dado a tradição oral, cabe destacar a reflexão do filósofo italiano Giorgio Agamben, em *Il fuoco e il racconto* (O fogo e o relato). Para Agamben, quando desaparecem as “pistas” materiais da história de um povo, quando as novas gerações já não cultuam os mesmos deuses, ainda assim, sobrevive o relato, ou seja, a narrativa, que guarda a história na memória das pessoas. Retomando as considerações sobre o gênero conto, ele, assim como o romance, por exemplo, também recebe classificações a depender da temática abordada. Por isso, temos contos realistas, populares, de terror, de humor, de fadas, infantis, psicológicos e fantásticos. De modo especial, interessa-nos, doravante, discutir as características do conto fantástico. Para Selma Calasans Rodrigues, em *O Fantástico*, esse tipo de conto pode ser entendido da seguinte forma:

O fantástico, no sentido estrito, se elabora a partir da rejeição que o Século das Luzes faz do pensamento teológico medieval e de toda a metafísica. Nesse sentido ele operou uma laicização sem precedentes do pensamento ocidental. Pensar o mundo sem o auxílio da religião ou de explicações metafísicas, essa é a grande proposta do século XVIII. Para essa orientação do pensamento, muito contribuiu a influência do empirismo inglês, de Locke e de todo o pensamento antimetafísico. (RODRIGUES, 1988, p. 27).

De modo geral, a narrativa fantástica tem por característica a realidade “deformada”, ou seja, um conjunto de acontecimentos que extrapolam as ações cotidianas, distanciando-se da verossimilhança. Assim, o absurdo, a sensação de estranhamento e episódios extraordinários são próprios desse tipo de texto. No panorama da cultura geral, podemos destacar as figuras de Edgar Allan Poe, com os contos de Histórias extraordinárias; Gabriel García Márquez, com o conto *Maria dos Prazeres*; Jorge Luis Borges, com o conto *O Outro*; e Oscar Wilde, com o conto *O fantasma de Canterville*. Já na história da literatura brasileira, a vertente do fantástico encontrou terreno fértil na imaginação dos escritores. A propósito, podemos destacar o conto *Acauã*, presente no conjunto da obra *Contos Amazônicos*, de Inglês de Sousa; *A dança dos ossos*, de Bernardo Guimarães; *Sem olhos*, de Machado de Assis, entre outros.

Feitas tais considerações sobre as características da narrativa fantástica, passemos, pois, a análise de *Demônios*, de Aluísio Azevedo. Diferente dos demais contos do escritor, *Demônios* é uma narrativa mais longa. Flávio Carneiro (2021) nos informa que o conto fora publicado pela primeira vez no periódico carioca *Gazeta de Notícias*, em 1891. Narrado em 1ª pessoa, conta a história de um jovem, descrito como um rapaz solteiro, escritor e amante das artes, que, em determinada noite, passa por experiências assustadoras. Na narrativa fantástica, o jovem escritor observa que todos, a sua volta, estão mortos, exceto a sua amada Laura. Os dois, então, cheios de pavor, passam a fugir daquele cenário fúnebre, seguindo em direção ao mar, onde, por difícil decisão, iriam cometer suicídio.

Antes mesmo de realizarem o malogrado plano, os dois jovens passam por transformações/metamorfozes: viram feras, a exemplo de lobos; unem-se em forma de uma frondosa árvore; e, por fim, viram estrelas. No fim da narrativa, o leitor é surpreendido pelo narrador, que revela que todos aqueles fatos fantásticos não passavam, na verdade, de frutos da sua imaginação, escritos naquela noite de insônia. Vejamos um fragmento de *Demônios*, onde ocorre a primeira metamorfose do jovem casal:

Quando resolvemos continuar a nossa peregrinação, foi de quatro pés que nos pusemos a andar ao lado um do outro, naturalmente e sem dar por isso.

Então meu corpo principiou a revestir-se de um pelo espesso. Apalpei as costas de Laura e observei que com ela acontecia a mesma coisa.

Assim era melhor, porque ficaríamos perfeitamente abrigados do frio, que agora aumentava.

Depois, senti que os meus maxilares se dilatavam de modo estranho, e que as minhas presas cresciam, tornando-se mais fortes, mais adequadas ao ataque, e que, lentamente, se afastavam dos dentes queixais; e que meu crânio se achatava; e que a parte inferior do meu rosto de alongava para frente, afilando como um focinho de cão; e que meu nariz deixava de ser aquilino e perdia a linha vertical, para acompanhar o alongamento da mandíbula; e que enfim as minhas ventas se patenteavam, arregaçadas para o ar, úmidas e frias. (AZEVEDO, 2015, p. 85).

Alinhando-se às discussões anteriores, *Demônios* é caracterizado como um conto fantástico. Segundo Flávio Carneiro, “[...] temos ainda uma atmosfera de fantástico, gênero pouco cultivado entre nós e que encontra, em alguns poucos contos de Machado de Assis, Álvares de Azevedo e neste de Aluísio, seus principais representantes no século XIX.” Para Todorov (2007), em seu trabalho *Introdução à Literatura Fantástica*, “O fantástico ocupa o tempo desta incerteza [...] O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural”. (TODOROV, 2007, p. 16). Continuando nas discussões do crítico, ele aponta que um texto para ser classificado dentro do gênero fantástico exige o cumprimento de três condições: a vacilação entre uma explicação natural e uma sobrenatural; a vacilação converte-se em um dos temas da obra; e o leitor deve rechaçar a interpretação alegórica e a poética. Assim, no plano geral do enredo de *Demônios*, é possível destacar os seguintes pontos: o fantástico domina a narrativa, bem como o espaço ficcional ganha projeção frente aos processos de metamorfose do jovem casal. No que respeita a questão do espaço em narrativas fantásticas, Osman Lins, em *Lima Barreto e o espaço romanesco*, destaca que: “[...] as obras fantásticas beneficiam-se do espaço, utilizando-o como elemento dominante” (LINS, 1976, p. 67).



4. LENDO ALUÍSIO AZEVEDO UMA PROPOSTA DE DIÁRIO DE LEITURA



A PROPÓSITO DA NARRATIVA FANTÁSTICA EM SALA DE AULA

As narrativas fantásticas, entre crianças e jovens, representam um ramo interessante no universo da leitura. Nesse sentido, a escolha do gênero conto para esta proposta de experiência com o texto literário ganha amparo nas discussões de Colomer (2007). A autora faz uma interessante consideração sobre a leitura de contos. Vejamos:

A leitura de contos é a aprendizagem leitora que mais se beneficia dos ‘métodos de ensino’ fora da escola. O conhecimento da narração natural, que qualquer indivíduo adquire rapidamente nas conversas com os que estão a sua volta, o costume social de contar histórias — seja na forma oral ou através de audiovisuais — [...] ajudam os leitores a dominar muitos aspectos em geral, e para a compreensão literária, em particular. (COLOMER, 2007, p. 73).

E, nesse universo ficcional, onde a realidade é elevada aos patamares da hesitação e do absurdo, o leitor, com pena de quebrar a “relação” com o que está sendo narrado, acaba aceitando a inverossimilhança do texto. Considerando que o referido conto está no campo da ficção, cabe destacar o comentário de Aguiar (2013):

Ler ficção é, portanto, duplamente gratificante. Quando entramos em contato com o conhecido, temos a satisfação de encontrar a nós mesmos no próprio texto, num processo rápido de identificação. Na experiência com o desconhecido acontece a descoberta de modos alternativos de ser e de viver. A tensão entre esses dois polos, o agradável conhecido e o estranho desconhecido, patrocina a forma mais efetiva e gratificante de leitura. (AGUIAR, 2013, p. 160).

Assim, para a elaboração desta proposta de leitura/experiência do/com o texto literário, a partir do uso do diário de leitura, consideramos dois postulados da estética da recepção: o protagonismo do leitor e o sentido da obra muda de acordo com a leitura. Para este trabalho, não partimos da ideia de que teremos um “leitor ingênuo”, ou seja, que não seja capaz de fazer relações, que fique apenas no que está dito, mas que consiga ir além do escrito, caminhar pelo implícito, pelas alusões. A partir do diário de leitura, o aluno poderá, pois, “inquirir” o texto.

Com base na discussão de Jauss, o aluno, na escrita do diário de leitura, poderá fazer o seguinte questionamento: o que o texto me diz e o que eu digo sobre o texto? Essa seria uma possibilidade de interação com o texto literário, naquilo que estamos considerando como “experiência”, no diálogo autor-texto-leitor. Seguindo as orientações de Solé (1998), em Estratégias de leitura, toda leitura tem uma finalidade, entre tantas, a fruição/senso estético é uma possibilidade. Portanto, leitores com objetivos diferentes, extraem informações diferentes do mesmo texto. Ainda como destaca a autora, a leitura é um processo contínuo de elaboração de expectativas e previsões que vão sendo verificadas.

No caso do conto Demônios, de Aluísio Azevedo, o aluno estará no campo da narrativa e, de modo especial, do fantástico. Como já pontuamos, por se tratar de um conto fantástico, o texto de Aluísio Azevedo irá trabalhar no horizonte da hesitação do leitor, mas que também é a hesitação do narrador-personagem, em uma mistura entre o real e o imaginário.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA DIÁRIO DE LEITURA

O que é SEQUÊNCIA DIDÁTICA (SD)?

No que respeita à conceituação da SD, o glossário do CEALE (Centro de alfabetização, leitura e escrita) da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), registra: “Sequência didática corresponde a um conjunto de atividades articuladas que são planejadas com a intenção de atingir determinado objetivo didático. É organizada em torno de um gênero textual (oral ou escrito) ou de um conteúdo específico[...]”.*



SEQUÊNCIA DIDÁTICA DIÁRIO DE LEITURA

Tema: Entre o real e o imaginário: o fantástico no conto Demônios, de Aluísio Azevedo.

Objetivo: Ler o conto de forma rica e significativa, com atenção à linguagem descritiva de Aluísio Azevedo.

Público-alvo: Alunos(as) do 9º ano do Ensino Fundamental

Texto: Demônios (Link: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4845>)

Autor: Aluísio Azevedo

Gênero: Conto fantástico

Área do conhecimento: Linguagens

Componente curricular: Língua Portuguesa

Tempo estimado: 1 semestre letivo

Recursos da aula: material impresso; projetor; quadro; diário (caderno brochura).

Detalhamento das etapas

PASSO 1 – ANTES DA LEITURA

MOTIVAÇÃO: Para Solé (1998), os alunos devem estar motivados para a leitura. Para a autora, toda leitura tem um objetivo. Dentre os objetivos que podem ser trabalhados na escola, destacamos, para este trabalho, a leitura do texto literário. Nessa etapa é importante recorrer aos conhecimentos prévios dos alunos.

Etapa 1 – O professor deverá apresentar a proposta do trabalho à turma.

Etapa 2 – Divisão da turma em 2 a 4 grupos.

Etapa 3 – Exibição, para cada grupo, de uma cena de um filme que aborde a temática do absurdo, terror, sobrenatural (It, a coisa; A bruxa; O Iluminado; O Chamado). Em seguida, o professor “congela” uma cena específica, e pede aos alunos que descrevam o cenário.

https://dublagempedia.fandom.com/pt-br/wiki/It:_A_Coisa



<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-144685/>



Etapa 4 – Cada grupo apresentaria a sua descrição com: a) uma leitura corrida; b) uma leitura mais pausada, com paradas para chamar atenção para os detalhes. Em seguida, os outros tentariam adivinhar que cena e de qual filme se tratava.

Etapa 5 – Depois da socialização dos grupos, o professor conversa com a turma sobre o que é a descrição e como ela é importante na escrita (o texto de Aluísio Azevedo é caracterizado pelo excesso de descrição). Como parte importante do ato da leitura é a capacidade de criar imagens a partir das pistas que o autor dá; como essas imagens são sempre uma soma daquilo que o autor diz e aquilo que cada um de nós conhece do mundo.

Etapa 6 – O professor deverá apresentar à turma alguns fragmentos de diários, a fim de ilustrar as características do gênero e, conseqüentemente, instrumentalizar os alunos para a produção dos próprios diários de leitura. Como sugestão, o professor poderá utilizar os seguintes textos: Canudos: diário de uma expedição (Euclides da Cunha); Quarto de despejo: diário de uma favelada (Carolina Maria de Jesus) e O diário de Anne Frank (Anne Frank).

"A melhor adaptação do livro de Anne Frank"
Daily Express

O Diário de ANNE FRANK

A Versátil e a IMG apresentam a versão integral da inédita minissérie *O Diário de Anne Frank*, considerada a versão mais fiel do célebre livro. Com produção da BBC, a série foi supervisionada pela Fundação Anne Frank, que aprovou a veracidade da minuciosa reconstrução histórica.

Emocione-se com a história real de Anne Frank, uma garota judia de 13 anos que ficou escondida com a família durante a ocupação nazista da Holanda. A partir de seu diário, testemunhamos a coragem de uma família e de um povo diante da barbárie do Holocausto.

Com excelentes atuações e muita sensibilidade, *O Diário de Anne Frank* é uma lição de humanismo que deve ser vista por todos.

EXTRAS
Depoimento do primo de Anne Frank (14 min.)

VERSÁTIL HOME VIDEO O DIÁRIO DE ANNE FRANK "THE DIARY OF ANNE FRANK"
CAST: ELIE KENDRICK, JAMES GUN, TONY GREGG, GEORGETOWN, NICHOLAS FARRELL, KATE RUSSELL, IAN MOSS, JACQUE WYATT, BEN LESTER, MICHAEL MOLE, FREDERIC EDWARD, SOPHIA STAPLETON, MICHELE CLAPTON
PRODUCTION: ROBERTY KOSKICH, PRESENTATION: ANNE FRANK, DIRECTOR: JOHN SMITHSON, MUSIC BY: JONATHAN JOYCES

14 NÃO RECOMENDADO PARA MENORES DE 14 ANOS
Temas: Holocausto, Crime, Dilemas de adulto

AUDIO 2.0 INGLÊS
LEGENDAS PORTUGUESA
DRAMA • 2009 INGLATERRA
150 min. • COLORIDO
FORMATO ORIGINAL
1.85:1
NTSC

© 2010 VERSÁTIL HOME VIDEO SOB LICENÇA DA IMG ENTERTAINMENT COMPANY - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. TITULO E O SIMBOLO DOCE ORIGINAL SÃO MARCAS REGISTRADAS DA DOLEBY LABORATORIES LICENSING CORPORATION. ESTE É UM DVD DE DUPLA CAMADA, PODE HAVER UMA PAUSA NA TRANSIÇÃO DE UMA CAMADA PARA OUTRA.
PRODUZIDO NO POLO INDUSTRIAL DE MARIANUS POR SONOPRESS RIO INDUSTRIA E COMÉRCIO FONOGRÁFICA S/A. INDUSTRIA BRASILEIRA DE CINESCÓPIOS E FOTÓGRAFIAS S/A. INDÚSTRIA BRASILEIRA DE CINESCÓPIOS E FOTÓGRAFIAS S/A. INDUSTRIA BRASILEIRA DE CINESCÓPIOS E FOTÓGRAFIAS S/A.
- SOB ENCARGO DE VERSÁTIL HOME VIDEO. DISTRIBUIÇÃO BRASILEIRA E COMERCIALIZAÇÃO EXCLUSIVA: VERSÁTIL HOME VIDEO CDDP: 03.147.200/0001-90 - TELEFONE: (11) 4670-1960 - E-MAIL: atendimento@versatil.com.br
www.versatil.com.br

7 695233 110601

A VERSÃO MAIS FIEL DO LIVRO QUE EMOCIONOU O MUNDO

O Diário de ANNE FRANK

(The Diary of Anne Frank)



O Diário de ANNE FRANK

4 NTSC

150 min. DVD-1660

MINISSÉRIE ESPECIAL

TEXTO 1

“BAHIA, 12 DE AGOSTO

Acabo de assistir na estação da Calçada ao desembarcar de cerca de oitenta feridos que chegaram de Canudos e não posso, nestas notas ligeiras, esboçar um quadro indefinível com o qual se harmonizariam admiravelmente o gênio sombrio e o pincel fúnebre de Rembrandt.

Ao apontar, vingando a última curva da estrada, o lúgubre comboio, a multidão, estacionada na gare, emudece, terminando bruscamente o vozear indistinto, e olhares curiosos convergem para a locomotiva que se aproxima, lentamente, arfando. Esta para, afinal, e, abertas as portinholas, começam a sair — golpeados, mutilados, baleados — arrastando-se vagorosamente uns, amparados outros e carregados alguns, as grandes vítimas obscuras do dever.”

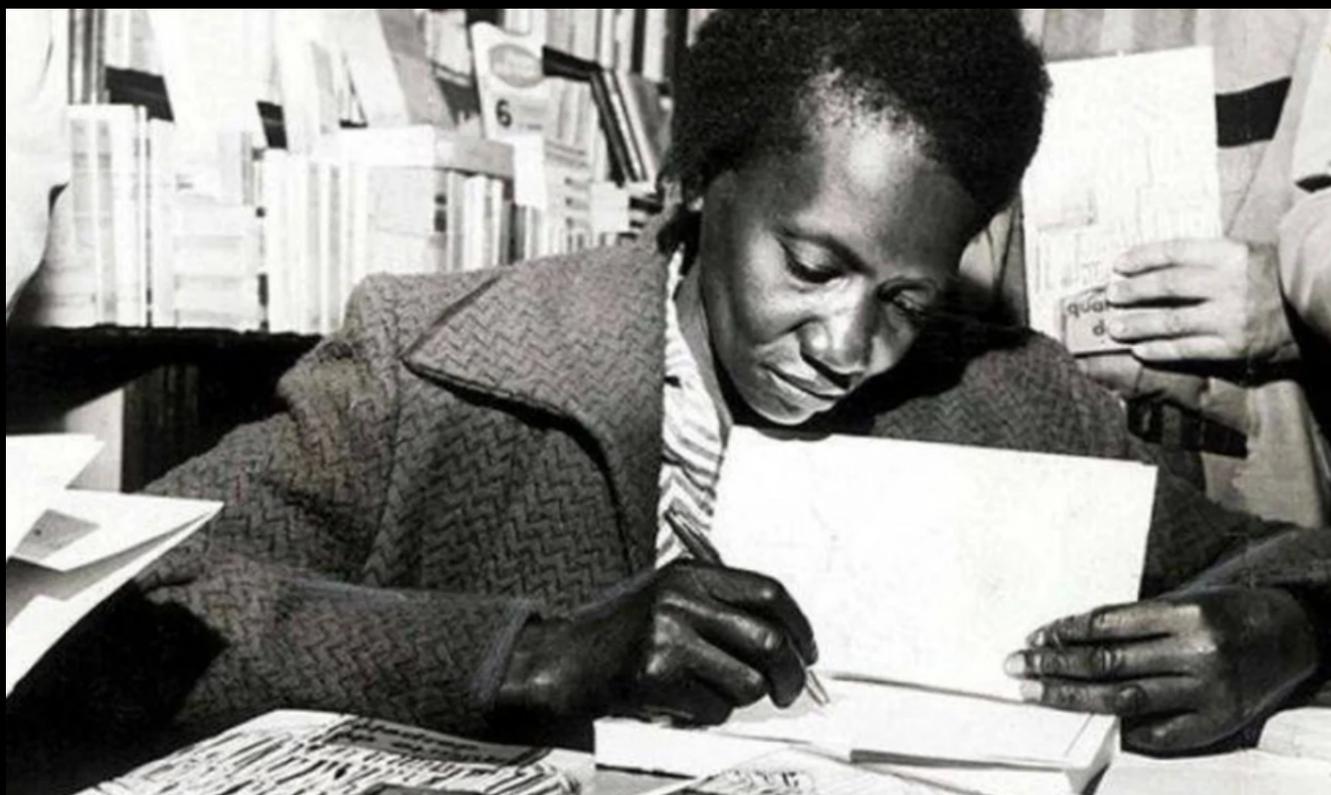
(CUNHA, Euclides da. Canudos: diário de uma expedição. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2016. p. 41).



TEXTO 2

“15 de julho de 1955 – Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se. Passei o dia indisposta. Percebi que estava resfriada. À noite o peito doía-me. Comecei a tossir. Resolvi não sair a noite para catar papel. [...]”

(JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. p. 11).



TEXTO 3

“Sábado, 20 de junho de 1942

Fiquei alguns dias sem escrever porque queria, antes de tudo, pensar sobre meu diário. Ter um diário é uma experiência realmente estranha para uma pessoa como eu. Não somente porque nunca escrevi nada antes, mas também porque acho que mais tarde ninguém se interessará, nem mesmo eu, pelos pensamentos de uma garota de treze anos. Bem, não faz mal. Tenho vontade de escrever e uma necessidade ainda maior de desabafar tudo o que está em meu peito.”

(FRANK, Anne. O diário de Anne Frank. 54. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 25)



Após a atividade de leitura dos fragmentos dos diários, o professor poderá promover um momento para discutir o texto com os alunos, a partir das seguintes perguntas:

- Qual a experiência registrada nos fragmentos lidos?
- Qual experiência chamou mais a sua atenção? Justifique.

Etapa 7 – Após o debate promovido pelas perguntas propostas, o professor deverá explicar a estrutura e as características do gênero diário.

Etapa 8 – O professor deverá apresentar o autor e a obra a ser lida. Neste momento, o professor apresentará um resumo sobre a vida e a obra de Aluísio Azevedo. Feito isso, o apresenta a sinopse do conto Demônios.



<https://www.youtube.com/watch?v=3nWJG9kT-zY>

PASSO 2 – DURANTE A LEITURA

Para Solé (1998, p. 115): “[...] a maior parte da atividade compreensiva — e a maior parte do esforço do leitor — ocorrem durante a própria leitura.” Neste caso, a proposta é que os alunos façam a leitura do conto Demônios, de Aluísio Azevedo, registrando as impressões do texto no diário de leitura.

Neste momento, é importante que o professor deixe claro os objetivos da leitura e reforce como os alunos devem construir o diário de leitura. Uma estratégia que o professor poderá adotar, baseado nos estudos de Solé (1998), é “simular” a produção de um diário de leitura, a fim de ilustrar possibilidades de registro da experiência com o texto literário. Vejamos uma possibilidade:

a) o professor escolhe uma passagem do conto Demônios, de Aluísio Azevedo, para ser lido em sala de aula. Como sugestão, o professor poderá fazer a leitura do seguinte trecho:

“Quase nunca trabalhava à noite; às vezes, porém, quando me sucedia acordar fora de horas, sem vontade de continuar a dormir, ia para a mesa e esperava lendo ou escrevendo que amanhecesse. Uma ocasião acordei assim, mas sem consciência de nada, como se viesse de um desses longos sonos de doente a decidir; desses profundos e silenciosos, em que não há sonhos, e dos quais, ou se sai apenas um instante para mergulhar logo nesse outro sono, ainda mais profundo, donde nunca mais se volta.” (AZEVEDO, 2011, p. 14).

b) em seguida, o professor deverá escrever um comentário sobre o trecho lido, observando as características do gênero diário. Ou seja, o professor fará in loco uma página de diário, pois, segundo Solé (1998, p. 116): “[...] os alunos têm de assistir a um processo/modelo de leitura, que lhes permita ver as ‘estratégias em ação’ em uma situação significativa e pessoal.”

Por sua natureza, o diário de leitura, virá de um movimento de leitura individual. O professor deverá recomendar que os alunos façam a leitura em casa, registrando suas impressões no diário. Nessa etapa, a leitura será independente. Para Solé (1998), esse tipo de leitura é quando o leitor impõe seu próprio ritmo e dá o tratamento ao texto dependendo da finalidade da leitura. Durante a leitura, o aluno vai registrando sua experiência, compreensão e interpretação do texto no diário de leitura. É importante que durante a leitura o aluno seja “[...] capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo [...]” (SOLÉ, 1998, p. 72).

1 – Estrutura do diário de leitura

Instruções:

Leia o texto e, à medida que lê, vá escrevendo, como se fosse para você mesmo(a):

- a) descreva o que o texto traz de interessante tanto em relação à forma quanto ao conteúdo;
- b) descreva o que o texto lido contribuiu para sua aprendizagem, para mudanças em sua prática de leitura e produção e para seu entendimento do mundo;
- c) relacione a informação nova do texto lido a seu conhecimento prévio (dialogar com o texto);
- d) levante temas para discussão.

PASSO 3 – DEPOIS DA LEITURA

Após os dois primeiros movimentos, antes e durante a leitura, chega o momento da socialização, ou seja, exposição dos diários de leitura. Nessa etapa, poder-se-á adotar as seguintes estratégias:

- a) roda de conversa sobre o assunto do texto lido;
- b) leitura (oralização) de trechos dos diários produzidos;
- c) discussão de partes do texto (conto) que chamaram mais atenção da turma.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. O saldo da leitura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). *Leitura de Literatura na escola*. São Paulo, SP: Parábola, 2013. p. 154.
- AZEVEDO, Aluísio. *Contos de Aluísio Azevedo*. Organização de Maria Viana. São Paulo: DCL, 2015.
- AZEVEDO, Aluísio. *Demônios*. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011.
- AZEVEDO, Aluísio. *Demônios*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino*
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Contexto, 2014.
- COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria: literatura, e senso comum*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago.
- CORREA, Viriato. *Contos do Sertão*. Livraria Garnier, 1919.
- COSSON, Como criar círculos de leitura na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2021.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. In: BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. *Literatura: ensino fundamental*. Brasília, 2010.
- DALVI, Maria Amélia. *Literatura na escola: propostas didático-metodológicas*. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). *Leitura de Literatura na escola*. São Paulo, SP: Parábola, 2013. p. 53.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- MACHADO, A. R. *O diário de leituras: uma introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do*
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 2012.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira, vol. II: do Realismo à Belle Époque*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 2016.
- PIMENTEL, Carmen. *A escrita íntima na internet: do diário ao blog pessoal*. Rio de Janeiro: UERJ, 2011. In: http://www.omarrare.uerj.br/numero14/pdf/CARMEM_PIMENTEL.pdf. Acesso em 13/07/2021
- POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Trad. José Paulo Paes e Augusto de Campos. São Paulo: Cultrix, 2013.
- REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). *Leitura de Literatura na escola*. São Paulo, SP: Parábola, 2013.
- RODRIGUES, Selma Calasans. *O Fantástico*. São Paulo: Ática, 1988.
- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. Trad. Cláudia Schilling.
- TERRA, Ernani. *Leitura do texto literário*. São Paulo: Contexto, 2014.
- TINOCO, Robson Coelho. *Percepção do mundo na sala de aula: leitura e literatura*. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). *Leitura de Literatura na escola*. São Paulo, SP: Parábola, 2013. p. 142.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. Trad. Caio Meira.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e a história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

Apêndice 1 - Modelo de página de diário de leitura

NOME DO DIARISTA

DATA

TEXTO

CAPÍTULO/PARTE

COMENTÁRIOS (Passagens do texto – numeração da página – escrever em 1ª pessoa do discurso, em tom de conversa).

“A questão não é de saber se tenho tempo para ler ou não
(tempo que, aliás, ninguém me dará), mas se me ofereço ou não
à felicidade de ser leitor.”

(Daniel Pennac)

